

BLASCO VALLÈS, Almudena, e COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia 10*

A Idade Média e as Cruzadas

La Edad Media y las Cruzadas – The Middle Ages and the Crusades

Jan-Jun 2010/ISSN 1676-5818



“Com ferro, fogo e argumentação”: *Cruzada, Conversão e a Teoria dos Dois Gládios* na filosofia de Ramon Llull

“With iron, fire and argumentation”: *Crusade, Conversion and the Doctrine of the Two Swords* in the Ramon Llull's Philosophy

Ricardo da COSTA*

Tatyana Nunes LEMOS

Resumo: Análise das propostas de cruzada, conversão e a *Teoria dos Dois Gládios* na *filosofia de conversão* de Ramon Llull, com base nos poemas *Desconsolo* (1295), o *Concílio* (1311) e nas obras *Livro da Contemplação* (c. 1271-1273), *Livro da Passagem* (1292), *Árvore da Ciência* (1295-1296), *Livro derradeiro* (1305), *Disputa entre Pedro, o clérigo, e Ramon, o fantástico* (1311) e *O Livro da Cidade do Mundo* (1314).

Abstract: Analysis of the Crusade's propose, conversion and the *Theory of Two Swords* in the *philosophy of conversion* of Ramon Llull, based on the poems *Lo desconhort* (1295), *Del consili* (1311) and the works *Llibre de contemplació en Déu* (c.1271-1273), *Liber de passagio* (1292), *Arbor scientiae* (1295-1296), *Liber de fine* (1305), *Disputatio Petri clerici et Raimundi phantastici* (1311) and *Liber de civitate mundi* (1314).

Palavras-chave: Filosofia medieval – Cruzada – *Teoria dos Dois Gládios* – Poesia – Ramon Llull

Keywords: Medieval Philosophy – Crusade – *Theory of Two Swords* – Poetry – Ramon Llull.

I. A conversão pelo debate das *razões necessárias*

Cristianismo e Islamismo foram as duas religiões e ambientes culturais frente às quais se cristalizou a filosofia de Ramon Llull (1232-1316). A ilha de Maiorca era um local fronteiro entre a Cristandade e o Islã, com estreitas relações comerciais com o *Magreb*, e em que o *outro* compartilhava um espaço comum. Judeus e muçulmanos foram o seu paradigma do “infiel”, mesmo com semelhanças em seus fundamentos básicos, como a fé em um Deus

criador e o uso da mesma linguagem para a expressão conceitual, a filosofia grega.¹

Llull propôs uma forma de conversão através de uma disputa (*disputatio*) que se diferenciava das mais utilizadas até então. Defendeu que a sua fé, o catolicismo romano, era o único credo verdadeiro e, portanto, a única forma de se alcançar a salvação eterna. Seu projeto missionário-apologético seria realizado, principalmente, por meio da pregação.² As disputas com representantes das outras religiões baseavam-se na busca pela verdade cristã e na refutação racional dos erros dos outros.

Para isso, Ramon buscava *razões necessárias* para demonstrar e provar os artigos da fé católica aos infiéis, particularmente a Encarnação e a Trindade. A solução veio aproximadamente em 1274, quando, aos quarenta e dois anos, ocorreu um dos acontecimentos mais cruciais de sua vida: a iluminação de Randa, onde, segundo ele, Deus transmitiu-lhe um método apologético, chamado pelo filósofo de *Arte*. Ramon subiu o monte Randa, localizado próximo à sua casa, para contemplar a Deus. A *Vita coetanea* (189, 1311)³ nos relata que:

* - Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). *Acadêmico correspondente* n. 90 da *Real Academia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: www.ricardocosta.com

¹ COLOMER, Eusebi. “La actitud compleja y ambivalente de Ramon Llull ante el judaísmo y el islamismo”. In: DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando y DE SALAS, Jaime (edits.). *Actas del pensamiento luliano. Actas del simposio sobre Ramon Llull en Trujillo*, 17-20 de septiembre 1994. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996, p. 77.

² As regras das *ordens mendicantes* incluíam a missão como uma das obrigações dos frades. A regra dos franciscanos se referia expressamente aos frades que se dedicariam à evangelização dos sarracenos e demais infiéis. O próprio São Francisco (c. 1181-1226) se dirigiu três vezes ao norte da África, porém, só conseguiu completar a última viagem (1219), quando pregou para o sultão do Egito, sem sucesso. Entre os dominicanos, a ação missionária estava inserida em sua regra desde os primórdios da ordem. São Domingo de Guzman (c. 1170-1221) em duas viagens à Dinamarca (1203 e 1205), conheceu o trabalho missionário nas fronteiras do noroeste europeu. Quando fundou a ordem dominicana, estabeleceu como objetivo fundamental a pregação entre os batizados (para evitar o surgimento de heresias) e entre pagãos e cristãos. CANTERA MONTENEGRO. *Las Ordenes religiosas en la Iglesia medieval siglos XIII a XV*. Madrid: Arco/Libros, 1998, p. 71; PARDO PASTOR, Jordi. “Las auctoritates bíblicas en Ramon Llull: etapa 1304-1311”. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 11, 2005, p. 167-180.

³ A datação e numeração em parênteses se refere à ordem cronológica das obras lulianas recentemente proposta por DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “Works”. In: FIDORA, Alexander and RUBIO, Josep E. *RAIMUNDUS LULLUS. An Introduction to his Life, Works and Thought. Corpus Christianorum, Continuatio Mediaevalis 214*. Turnhout: Brepols Publishers, 2008, p. 125-242.

Quan encara no hi havia estat una setmana completa, succeí un cert dia, mentre mirava atentament el cel, que de sobte el Senyor il·lustrà el seu ment, donat-li forma i manera de fer el llibre contra els errors dels infeels.

Quando ainda não estava ali uma semana completa, aconteceu certo dia, enquanto olhava atentamente o céu, que subitamente o Senhor ilustrou sua mente, dando-lhe a forma e a maneira de fazer o livro contra os erros dos infieis.⁴

A leitura de sua narrativa autobiográfica e as referências que Llull faz ao fato em suas obras nos sugere que ele associava a descoberta da *Arte* a uma ocasião pontual, situada entre a intuição e um momento de Graça de Deus, o que não o impede de vê-la como um ponto de chegada de um processo reflexivo e contemplativo de longa duração.⁵ Trata-se de uma *iluminação intelectual*, não de conteúdo, pois este já estava basicamente expresso no *Livro da Contemplação* (c.1274)⁶, mas de “forma e maneira”, isto é, de como organizar e apresentar esse conteúdo, sem recorrer às autoridades da fé (a Bíblia).⁷ Agora Ramon poderia fazer “o melhor livro do mundo contra os erros dos infieis”.

A *Arte* é, basicamente, um sistema de pensamento aplicável a qualquer tema (segundo o seu autor). Trata-se de uma tentativa de unificar todo o pensamento da cultura medieval, um instrumento para a verdade das criaturas, tendo como pré-suposto a verdade cristã de Deus. Foi criada com o objetivo de converter os infieis e engloba uma série de obras produzidas por Ramon Llull ao longo de sua vida.⁸

Para Llull, só havia uma verdade e um caminho, o Deus cristão e a Igreja católica, verdade e caminho que o homem poderia ascender e percorrer mediante o uso da razão, da imaginação e da fé. A partir do pressuposto de que a razão não existia no homem sem a linguagem, seu objetivo era

⁴ RAMON LLULL. “*Vita coetanea*”. In: *Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Mallorca: Moll, 1989, vol. I, III, 14.

⁵ GAYÀ, Jordi. “Introducció”. In: RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa* (introd. de Jordi Gayà; trad. de Pere Llabrés). Barcelona: Clàssics del Cristianisme 91. Facultat de Teologia de Catalunya/Fundació Enciclopèdia Catalana, 2002, p. 16.

⁶ Para o *Livro da Contemplação*, ver COSTA, Ricardo da. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a *infinitude* e a *eternidade* divinas no *Livro da contemplação* (c. 1274). In: *Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133.

⁷ BONNER, Anthony. “Ambient històric i vida de Ramon Llull”. In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Mallorca: Moll, 1989, vol. I, p. 22.

⁸ PRING-MILL, R. *El microcosmos lul·lià*. Palma de Mallorca: Moll, 1962, p. 31-32.

encontrar as palavras que transmitissem essa verdade, por definição, acessível a todos. A *Arte* luliana é a busca por essas palavras em diferentes idiomas.⁹

No poema *Desconsolo* (63, 1295), Ramon descreve poeticamente tanto a origem quanto os usos de sua *Arte*:

Encara us dic que port un art general,
que novament és dada per do espirital,
per qui hom pot saber tota res natural
segons que enteniment ateny lo sensual.
A dret e medicina e a tot saber val,
e a teologia, la qual m'és mais coral;
a soure qüestions nulla art tant no val,
ne errors destruir per raónatural [...]

Ainda vos digo que trago uma *Arte Geral*,
que me foi dada, recentemente, por dom espiritual
para que o homem possa saber toda coisa natural,
conforme o entendimento atinge o sensual.
Vale para o Direito, para a Medicina e todo o saber,
e para a Teologia, a qual me é mais cara,
nenhuma arte vale tanto para resolver questões
e para destruir os erros através da razão natural [...].¹⁰

II. A Relação entre Fé e Razão

A apologética luliana era distinta da defesa da fé praticada pelos pregadores e clérigos de sua época. O método até então utilizado consistia em atacar a fé dos judeus e dos sarracenos com as verdades da fé cristã, considerada a única via salvífica existente.¹¹ Para os pregadores tradicionalistas, como o

⁹ FIERRO, Maribel. A”punts sobre La raó, llenguatge i conversió en el segle XIII a La Península Ibérica”. In: ROQUE, Maria-Àngels (org.) *Ramon Llull i l’Islam: L’inici del diàleg*. Barcelona: La Magrama, 2008, p. 95.

¹⁰ RAMON LLULL. “Lo Desconhort”. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d’Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928, p. 69-105; RAMON LLULL. “Lo Desconhort”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 1308-1328; RAMON LLULL. “El desconuelo”. In: VEGA, Amador. *Ramon Llull y el secreto de la vida*. Barcelona: Siruela, 2002, p. 221-242; RAMON LLULL. *Lo Desconhort. Cant de Ramon* (edició a cura de Josep Batalla). Barcelona: Obrador Edèndum, 2004, p. 61-129; COSTA, Ricardo da, LEMOS, Tatyana Nunes. *Poemas de Ramon Llull. Desconsolo (1295) – Canto de Ramon (1300) – O Concílio (1311)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Angelicvm/CEMOOrOC, 2009, estrofe VIII.

¹¹ CARRERAS Y ARTAU, Tomás e Joaquín. *Historia de la Filosofía Española. filosofía cristiana del siglo XIII al XV*. Barcelona: Facsímil/Institut d’Estudis Catalans: Diputació de Girona, 2001, vol I, p. 339-342.

dominicano Ramón Martí (c. 1230-1281)¹², a Teologia era superior à Filosofia. Por isso, era *necessário crer antes de entender* os dogmas da fé cristã, pois estes, segundo eles, não podiam ser comprovados racionalmente.

Em contrapartida, para Ramon Llull, que opunha a Filosofia *às autoridades*, o debate com o infiel deveria ser realizado com o uso das *razões necessárias* – argumentos lógicos que deveriam explicar de forma racional as virtudes divinas¹³ – e aceitos pelas três *religiões do Livro*. Segundo Llull, com essa forma de debate, os infiéis chegariam ao conhecimento de seus erros e voluntariamente aceitariam o Cristianismo, pois compreenderiam “a fé cristã para depois crer”.¹⁴

Tais *razões necessárias* seriam explicadas com o uso da *Arte*. Ramon acreditava que os dogmas do Catolicismo poderiam ser provados, o que fica evidente na seguinte passagem do *Desconsolo*:

– N’ermità si la fe hom no pogués provar,
doncs Déus als crestians no pogra encolpar
si a los infeels no la vólon mostrar,
e els infeels se pogren de Déu per dret clamar,
car major veritat no lleix argumentar.
Per què l’enteniment ajud a nostre amar,
com mais am Trinitat e de Deu l’Encarnar,
e a la falsetat mais pusca contrastar.

Dom eremita, se a fé o homem não pudesse provar,
então Deus não poderia aos cristãos culpar
se aos infiéis não a desejassem mostrar,
e os infiéis poderiam, por direito, de Deus se queixar,
pois a maior verdade não se deixa argumentar.

¹² O dominicano e catalão Ramón Martí foi o grande difusor do tomismo na Península Ibérica. Ramón “consciente do perigo que ameaçava destruir a integridade da fé no coração do povo, apresentava-se como seu defensor, e se fixou na intenção de sua ação por objetivos convergentes: atacar as confissões inimigas e atrair para a religião cristã as populações árabes e judaicas.” CARRERAS Y ARTAU, *Historia de la Filosofía Española*, op. cit., p. 147-170.

¹³ *Virtude* ou *atributo* era o termo utilizado no período escolástico para indicar os nomes de Deus. COSTA, Ricardo da. “A Eternidade de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232-1316)”. Conferência proferida na Semana Acadêmica *Tempo e Eternidade na Idade Média*, evento organizado pelo *Instituto Sapientia de Filosofia* (Seminário Bom Pastor, Francisco Beltrão, PR) no dia 13 de maio de 2010, *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/A%20eternidade%20de%20Deus.pdf>.

¹⁴ GAYÀ, Jordi. “Introducció”. In: RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa* (introd. de Jordi Gayà; trad. de Pere Llabrés). Barcelona: Clàssics del Cristianisme 91. Facultat de Teologia de Catalunya/Fundació Enciclopèdia Catalana, 2002.

Porque o entendimento ajuda o nosso amar
quanto mais ama a Trindade e de Deus o Encarnar
e à falsidade mais pode contrastar.¹⁵

Contudo, isso não significa que Ramon tenha sido um racionalista *in extremis*. Ele apenas abandonou a distinção feita por Tomás de Aquino (1225-1274) entre as verdades só alcançáveis por intermédio da razão e as que só poderiam ser conhecidas com a fé. Porém, mesmo concebendo que era possível que os homens entendessem a unidade de Deus e a Trindade, Llull não considerava esse entendimento inerente às pessoas.

Para ele, a única forma possível para conhecer a Deus era por meio do entendimento elevado pela Graça e pela luz soberana da sabedoria divina.¹⁶ Fé e razão são dois momentos solidários de um único processo de conhecimento, que parte da fé, passa pela razão e retorna enriquecido para a fé. Trata-se, portanto, de um *círculo hermenêutico*, cujo ponto de partida é sempre a fé, condição prévia para o entendimento.

Ramon procurava uma dimensão da inteligência no interior da fé. A fé ajudaria o entendimento a crer, enquanto este a ajudaria a entender: para entender verdadeiramente era necessário crer, e para crer era necessário entender. Porém, a fé era maior que o entendimento, pois o homem acreditava mais do que entendia. A razão luliana não é uma razão autônoma (característica do pensamento moderno), mas comprometida com a fé cristã, que a ajuda e é por ela ajudada.

III. A Passagem

No contexto histórico da expansão árabe, os muçulmanos conquistaram e mantiveram o domínio sobre a cidade sagrada de Jerusalém. Ali se alternaram dominadores de diferentes dinastias (omíadas, abássidas) e, no século XI, os turcos seljúcidas. Diante dessa situação, em 1095, no Concílio de Clermont, o Papa Urbano II (1042-1099) exortou a multidão a libertar a Terra Santa e a colocar novamente Jerusalém sob soberania cristã.¹⁷

¹⁵ RAMON LLULL, “Lo Desconhort”, *op. cit.*; COSTA, LEMOS, *op. cit.*, estrofe XXIV.

¹⁶ COLOMER I POUS. *El pensament als països catalans durant l'edat mitjana e el renaixement*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1997, p. 145.

¹⁷ A Primeira Cruzada (1096-1099) foi precedida pelos primeiros *pogroms* da história europeia. Ver COSTA, Ricardo da. “Então os cruzados começaram a profanar em nome do pendurado”. *Maio sangrento: os pogroms perpetrados em 1096 pelo conde Emich II von Leiningen (†c. 1138) contra os judeus renanos, segundo as Crônicas Hebraicas e cristãs*. In: LAUAND, Jean (org.). *Filosofia e Educação – Estudos 8. Edição Especial VIII Seminário Internacional CEMOrOc: Filosofia e Educação*. São Paulo: Editora SEMOrOc (Centro de Estudos

Durante os séculos XII e XIV, período em que ocorreu o movimento de expansão da cristandade para Ultramar, as expressões utilizadas para designar aquilo que hoje denominamos cruzado e cruzada eram *peregrinus* (cruzado) e *peregrinatio, iter* (percurso), *via* (rota), *passagium* (caminho por mar), *santa passagem, santa viagem*, todas empregadas para definir o que hoje chamamos como “As Cruzadas”.¹⁸

Originalmente, a palavra “peregrinação” tinha o sentido de *visitare loca sacra* ou *peregrinatio sacra*, visita aos lugares sagrados, principalmente Roma, Santiago de Compostela e Jerusalém, idéia remanescente do período romano, mas com um sentido profano de *estrangeiro, aquele que está fora da sua pátria*. O cristianismo deu uma dimensão nova e espiritual ao termo: todo fiel era um peregrino, um exilado (*homo viator*) que estava provisoriamente em terra estrangeira, em sua vida terrena, e que só encontraria a sua verdadeira pátria na outra vida, como cidadão do céu.¹⁹

A cruzada era entendida como uma *peregrinação armada*, promotora da operação militar de reconquista dos lugares santos prescrita aos guerreiros (*crucesignati*) em troca da remissão de seus pecados, algo bem distinto e muito mais complexo e transcendental que o de um simples exército organizado para uma guerra.²⁰ A peregrinação, uma experiência penitencial pacífica, converteu-se em uma *experiência penitencial armada*. No século XIII, passou também a significar *auxilium* e *succursum*, com a noção implícita de defender e manter o Reino de Jerusalém sob a posse dos cristãos.

Em sua origem, o termo *passagium maris* designava a ação conjunta dos comerciantes de uma cidade para melhor se proteger da pirataria. Eram frotas de barcos de carga organizadas periodicamente pelas cidades marítimas do

Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP) Factash Editora, 2008, p. 35-62, *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/emich.htm>.

¹⁸ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”. In: *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII*. Turnhout: Brepols Publishers, 2003, p. 1.

¹⁹ COSTA, Ricardo da. “A *meditatio mortis* no *Livro do Homem* (1300) de Ramon Llull”. In: *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série de Filosofia*, II Série, volume XXIII/XXIV, Porto, 2006/2007, p. 237-260.

²⁰ FERNANDEZ, Emilio Mitre. *Historia del Cristianismo. El mundo Medieval*. Madrid: Trota, 2004, p. 317-324; ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1994, vol. II, p. 179-193.

Mediterrâneo Ocidental que regularmente se dirigiam ao Mediterrâneo Oriental, quase sempre acompanhadas e protegidas por barcos de guerra.²¹

Com o passar do tempo, seu significado foi enriquecido pelos predicadores com conteúdos bíblicos, tais como *epopéia mosaica*, e escatológico-apocalípticos, ou seja, a passagem para a outra vida e a oferenda martirial. Posteriormente, o termo *passagium generale* também foi usado para definir as expedições militares avalizadas por uma bula papal que conferia aos seus participantes privilégios especiais, tais como: 1) a indulgência, 2) a liberação do vínculo entre servo e vassalo, 3) o estabelecimento de tréguas nas guerras entre cristãos, 4) a proteção episcopal às propriedades dos nobres que se ausentassem, 5) privilégios aos cruzados de serem julgados por cortes eclesiásticas e 6) isenções de impostos e de moratórias.²² Em suma, é isso o que modernamente chamamos de *Cruzadas*.

A motivação para a realização destas empresas guerreiras em direção ao Oriente pode ser entendida tanto pela política de reforma do papado, iniciada na metade do século XI, quanto pela ameaça islâmica no Oriente.²³ Como essa *passagium generale* não foi, a partir do século XIII, exclusivamente dirigida à Terra Santa, já que foi também direcionada para qualquer grupo considerado inimigo da cúria romana, houve a necessidade de uma nova distinção entre *crux transmarina* – para o Oriente – e *crux cismarina* – contra pagãos, hereges ou países não obedientes às ordens papais.²⁴

²¹ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”, *op. cit.*, p. 1.

²² LEHMANN, Johannes. *Las cruzadas. Los aventureros de Dios*. Barcelona: Martinez Roca, 1989, p. 32-34.

²³ TYERMAN, Christopher. *Las Guerras de Dios: Una nueva historia de las Cruzadas*. Barcelona: Crítica, 2007, p. 56-63.

²⁴ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”, *op. cit.*, p. 2.

“No entanto, a idéia de cruzada só ganharia uma maior sistematização com Inocêncio III e o IV Concílio de Latrão (1215), quando se deu a formação de um *direito de cruzada*. Antes disso, o que existia era uma ambigüidade terminológica. Só no final do século XII a palavra *crucesignati* começou a ser utilizada pelos cronistas contemporâneos; *bellum sacrum*, *passagium generale*, *expeditio crucis*, *peregrinatio*, eram expressões utilizadas nas bulas papais de cruzada do século XIII. Assim, até o IV Concílio de Latrão encontramos um imbricamento entre a idéia de cruzada e a de peregrinação. Já o cardeal e canonista do século XIII Henrique de Susa – conhecido como *Hostiensis* – dividiu as expedições cruzadas geograficamente: da Europa (*crux cismarina*) e do Oriente (*crux ultramarina*): ‘Se isto parece correto que nós devemos promover a cruzada ultramarina [*crux transmarina*] a qual é pregada em ordem para conseguir ou recuperar a Terra Santa, então nós devemos usar o maior vigor na pregação da cruzada neste lado do mar [*crux cismarina*], contra cismáticos, a qual é intenção para a preservação da união eclesiástica. O filho de Deus não veio a este

O conceito de passagem (*passagium*) evoluiu ao longo dos dois séculos em que os cristãos tentaram reconquistar a Terra Santa. Quando foi utilizado por Llull, tinha o significado de expedição armada que se dirigia ao Oriente Próximo. O filósofo se vale da palavra “passagem” (como se verá, por exemplo, no poema *Desconsolo*) como sinônimo *gládio corporal* – em oposição ao *gládio espiritual* – mas sem nunca deixar de lado a amplitude da transcendência da peregrinação espiritual, sempre com vistas à elevação da alma em direção à Jerusalém Celeste. Era uma viagem de peregrinação santa – e armada – para o cumprimento de uma obrigação religiosa (salvar o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis e proteger os peregrinos indefesos) e uma purgação espiritual buscando a salvação.

No caso da Península Ibérica, desde o século VIII já ocorria uma guerra contra os invasores muçulmanos. Porém, até o século XI estas empresas guerreiras não eram estimuladas por uma mentalidade religiosa: tratava-se de empreendimentos autônomos onde os interesses financeiros e políticos prevaleciam sobre qualquer outro. Após a metade do século XI, alguns acontecimentos, como a prática da guerra como remissão dos pecados e a invasão dos almorávidas, fizeram com que ocorresse uma transformação nessa guerra até então dessacralizada.

A partir de então se estabeleceria o que conhecemos modernamente como a *Reconquista* ou *Cruzadas Espanholas*. Nessa ocasião, a luta contra os inimigos da Cristandade estava sacramentada, uma vez que ocorria um processo de expansão territorial estabelecido por uma motivação religiosa.²⁵

IV. Combater e pregar: ações complementares da missão luliana

Em Ramon Llull era constante o ideal de missão. A idéia de missão pregada por ele é fundamental para entender suas relações políticas com reis e papas, seus projetos de cristianização dos cismáticos e a conversão dos infiéis. A *missão* significava pregação ou diálogo com os infiéis, cujo intuito era convertê-los ao Cristianismo. Esse conceito tem como sinônimo a *Passagem* ou o *gládio espiritual*.

A missão luliana fundamentava-se na *contemplação* e na *vida virtuosa*, condições que possibilitariam a realização do diálogo do cristão com o outro, fosse ele

mundo para sofrer na cruz ou adquirir terras, mas para a redenção dos cativos e para chamar de volta o pecador para arrependimento”. COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998, p. 73-74.

²⁵ TYERMAN, Christopher. *Las Guerras de Dios*, *op. cit.* p. 66-68, 849-852.

infiel, cismático ou pagão. A *contemplação*, a vida dedicada exclusivamente ao conhecimento do divino, para as culturas antigas, era um estado mental sumamente bom (*summum bonum*), pois olhava a forma do bem: ao buscar Deus com sua mente, o místico deveria refletir sobre as virtudes e, assim, se afastar dos vícios. Por exemplo, Aristóteles disse que a atividade da *vida contemplativa* – a vida que olha a verdade – era o que melhor existia em nós, pois era a atividade virtuosa, a única estimada por si mesma, isto é, a própria felicidade. O cristianismo nada mais fez que incorporar esse modo supremo de vida e integrá-lo em sua concepção, em seu conceito de *beatitude*.²⁶

Após a perda definitiva da Terra Santa, o papado e certos soberanos continuaram a arquitetar projetos de Cruzada. A queda de São João de Acre em 1291 não foi vista como o fim da idéia ou da realidade da Cruzada, mas como um triste episódio que fez despertar essa idéia e tudo o que ela carregava política e religiosamente consigo.²⁷ Entretanto, o entusiasmo desapareceu e poucos foram para o Oriente. Em contrapartida, quando os cavaleiros abandonaram o caminho para Jerusalém, o tema da Cruzada encontrava eco inesperado e tardio entre as camadas populares, como em 1250 e 1320, quando populares percorreram parte do atual território da França para protestar contra a inatividade do clero e convidar os leigos para irem para Jerusalém. Isso comprova o fascínio que a perspectiva do combate por Deus ainda gerava, mesmo que não atingisse mais os nobres.²⁸

Entre 1274 e 1320 houve um florescimento das publicações sobre a cruzada e os problemas relativos à Terra Santa. Os escritos começaram com o Concílio II de Lyon (1274)²⁹ e terminaram uns anos após o Concílio de Vienne (1311). Nos primeiros escritos, quando ainda existiam redutos cristãos no Oriente com graves problemas de administração cívico-militares (Trípoli e São João de Acre), os problemas não se referiam tanto à organização de uma empresa militar para reconquistar Jerusalém, mas sobre medidas para proteger os locais ameaçados pelo sultanato mameluco do Egito. As propostas giravam em torno do envio de cavaleiros, sob soldo real, para que protegessem permanentemente os locais, além de críticas à ausência de perspectivas

²⁶ COSTA, Ricardo da. “A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a *infinitude* e a *eternidade* divinas no *Livro da contemplação* (c. 1274)”. In: *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*, *op. cit.*, 122.

²⁷ DOMINGUES REBOIRAS, “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”, *op. cit.*, p. 6.

²⁸ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 141.

²⁹ Convocado pelo papa Gregório X, empreendeu uma tentativa de união da Igreja Ocidental com a Oriental.

missioneiras nas ações militares.³⁰ Após 1291, o problema mudou: não havia mais redutos cristãos. A Terra Santa teria que ser reconquistada, como nos tempos da Primeira Cruzada.

V. A base do discurso cruzadístico luliano (“com ferro, fogo e argumentação”): a teoria dos dois gládios

A fundamentação filosófica das propostas de cruzada no discurso apologético de Ramon Llull está baseada na *teoria dos dois gládios*. Mas antes de expormos brevemente o tema, devemos insistir: no pensamento luliano não há oposição entre o que ele chama de *cruzada material* (a guerra) e *cruzada espiritual* (a conversão através do debate): ambas são complementares. O tema da cruzada sempre esteve presente nos escritos lulianos – há tempos, Jordi Rubió já assinalou essa característica de seu pensamento.³¹ Criar uma dualidade nesse assunto é entender Llull anacronicamente, como bem afirmou Fernando Domínguez Reboiras.³²

Nós podemos dar um pequeno exemplo para provar nossa tese. Já no *Livro da Contemplação* (2, c. 1271-1273) há uma passagem em que Llull compara as duas cruzadas (a *material* e a *espiritual*) e faz uma distinção que nos parece muito interessante:

10. Gloriós Senyor, piadós, humil, douç, simple e suau, molts cavallers veig que van en la sancta terra d’outramar e cuiden aquella conquerre per força d’armes. On, com ve a la fi tots s’hi consumen sens que no vénen a fi de ço que.s cuiden. On, par-me Sènyer, que lo conqueriment d’aquella sancta terra no.s deja conquerir sinó per la manera on la conquesés vós e.ls vostres apòstols, qui la conquerís ab amor e ab oracions e ab escampament de làgremes e de sang.

11. Com lo sant sepulcre, Sènyer, e la sancta terra d’outramar par que.s deja conquerre per predicació mills que per força d’armes, ¡faer-se a avant, Sènyer, los sants cavallers religioses e guarnesquen-se del senyal de la creu, e umplense de la gràcia del sant Esperit, e vagen preïcar veritat de la vostra passió als infeels e escampen per la vostra amor totes les aigües de lurs ulls e tota la sang de lurs cors, així com vós feés per amor d’ells!

10. Glorioso Senhor, piedoso, humilde, doce, simples e suave, vejo que muitos cavaleiros vão à Terra Santa de Ultramar e pensam que podem conquistá-la

³⁰ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”, *op. cit.*, p. 15.

³¹ RUBIÓ, Jordi. “L’expressió literària en l’obra lul·liana”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 97.

³² DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”, *op. cit.*

pela força das armas. Mas quando chegam ao fim, todos se consomem sem que cheguem ao fim que pensavam chegar. Assim, parece-me, Senhor, que a conquista daquela santa terra não deva ser feita a não ser pela maneira que Vós e os Vossos apóstolos a conquistaram, isto é, com amor, orações e derramamento de lágrimas e de sangue.

11. Senhor, como parece que o Santo Sepulcro e a Terra Santa de Ultramar deixar-se-ão melhor conquistar pela pregação que pela força das armas, que avancem os santos cavaleiros religiosos, Senhor, e se protejam com o sinal da cruz e se encham com a graça do Espírito Santo para irem pregar a verdade de Vossa Paixão aos infiéis e derramem, pelo Vosso amor, todas as águas de seus olhos, e todo o sangue de seus corações, assim como Vós fizestes por amor a eles!³³

À primeira vista, de fato, parece que o filósofo defende que a cruzada deva dar lugar à pregação. Contudo, a chave interpretativa se encontra na palavra **melhor** (*millis*) no artigo 11: para reconquistar a Terra Santa é *melhor* a pregação, o diálogo, o martírio, que a força das armas – sempre seguindo, claro, o exemplo de Cristo. Mas ser *melhor* não exclui a segunda opção, isto é, a cruzada material, a cruzada armada.

A opção de Llull pela primazia da cruzada espiritual se deve a dois fatores, em nossa consideração: sua ênfase na verdadeira conversão, a interior, em primeiro lugar. Esta só ocorre pelo assentimento livre e espontâneo, e isso não ocorre pela força das armas, e sim pela fé, pelo exemplo virtuoso. Em segundo lugar, como São Bernardo de Claraval (1190-1153), no *Livro da Contemplação* Llull faz uma virulenta crítica à cavalaria profana.³⁴ Isso faz com que ele priorize a cruzada intelectual. Pois como se pode converter alguém com os cavaleiros à frente? Eles são falsos, malévolos e interesseiros, assassinos, orgulhosos, vaidosos, injuriosos e destruidores. São mensageiros do Diabo!³⁵

³³ RAMON LLULL. “Llibre de contemplació”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. II, p. 340 (cap. CXII, 10-11).

³⁴ Em mais de uma oportunidade nós já manifestamos as similitudes entre o pensamento luliano e o de Bernardo de Claraval. Veja, por exemplo, COSTA, Ricardo da. “Duas imprecizações medievais contra os advogados: as diatribes de São Bernardo de Claraval e Ramon Llull nas obras *Da Consideração* (c. 1149-1152) e *O Livro das Maravilhas* (1288-1289)”. In: *Biblos*, Rio Grande, 21, 2007: p. 77-90 e também em PONTES, Roberto, e MARTINS, Elizabeth Dias (orgs.). *Anais do VII EDEM – Encontro Internacional de Estudos Medievais - Idade Média: permanência, atualização, residualidade*. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC / ABREM, 2009, p. 624-630.

³⁵ RAMON LLULL. “Llibre de contemplació”, *op. cit.*, p. 340 (cap. CXII, artigos 13 a 18).

Llull chega a perguntar diretamente a Deus porque Ele deu aos cavaleiros uma posição tão destacada na sociedade.³⁶ Por isso, parece clara a sua opção pelo martírio: a Terra Santa só pode ser *verdadeiramente* conquistada se os cruzados prosseguirem no caminho de Cristo e dos apóstolos, isto é, se mudarem a forma da conquista. Em outras palavras: as *armas materiais* estão a serviço das *armas espirituais* – os poderes civis estão subordinados ao poder espiritual, isto é, a Igreja Católica!

O maiorquino reitera no *Livro da Contemplação* a clássica *teoria dos dois gládios*, exposta doutrinariamente pela primeira vez pelo papa Gelásio I (492-496) em uma carta ao imperador Anastácio I (c. 430-518):

Existem, Augusto imperador, dois poderes principais que governam o mundo: a sagrada autoridade dos bispos e o poder real. Dentre eles, o poder sacerdotal é muito mais importante, pois há de prestar contas dos próprios reis dos homens perante o julgamento de Deus. Vós sabeis, dileto filho, que, embora ocupeis o lugar de maior dignidade sobre a raça humana, deveis sujeitar-vos à fé dos que foram encarregados das coisas divinas e neles ver o meio de vossa salvação...³⁷

Gelásio I deu o tom das relações entre os poderes nos séculos seguintes.³⁸ Os papas medievais aprofundaram o assunto, desde Gregório VII (c. 1020-1085) até Bonifácio VIII (1235-1303), ou melhor, até Pio XI (1857-1939)!³⁹ Contudo, basta-nos aferir a manutenção dessa teoria na época de Ramon Llull para vermos o quanto o maiorquino nesse tema seguia a ortodoxia *pari passu*. Bernardo de Claraval, uma geração antes do maiorquino, já reiterara a teoria dos dois gládios em sua epístola *De Consideratione* (1149-1152) ao papa Eugênio III (1145-1153):

Tu dirás que eu te mando apascentar dragões e escorpiões, não ovelhas. Mais uma razão para que tentes, mas com tua persuasão, não com as armas. Para

³⁶ RAMON LLULL. “Llibre de contemplació”, *op. cit.*, p. 341 (cap. CXII, 26).

³⁷ A carta está publicada em EHLER, S. Z. e MORALL, J. B. *Church and State through the Centuries*. London, 1954, p. 11. Citamos de DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores. História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naif, 1998, p. 38-40.

³⁸ As duas obras clássicas sobre o tema são, em ordem de importância, ARQUILLIÈRE, Henri-Xavier, *El agustinismo político. Ensayo sobre la formación de las teorías políticas en la Edad Media*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2005, e ULLMANN, Walter. *Historia del pensamiento político en la Edad Media*. Barcelona: Ariel, 1999. Elas nortearam a nossa investigação sobre o tema.

³⁹ “Não se neguem, pois, os governantes das nações a dar por si mesmos e pelo povo públicas mostras de veneração e de obediência ao império de Cristo, se porventura pretendem conservar incólume a sua autoridade”, Pio XI, *Quas Primas*, n. 16, 11/12/1925.

que irás brandir novamente a espada se já te mandaram embainhá-la?⁴⁰ Contudo, se alguém nega que é tua, eu creio que não compreendeu bem a palavra do Senhor: “Embainha a tua espada”.⁴¹

Eu repito que ela é tua e que pode ser desembainhada talvez com o teu consentimento, embora não por ti mesmo. Se não fosse tua de maneira nenhuma, quando os apóstolos disseram ao Senhor “Eis aqui duas espadas”, Ele não teria respondido “É suficiente”⁴², e sim “São demais”. Portanto, a Igreja pode possuir as duas espadas, a espiritual e a material. Esta é para que a defendam, e a outra para ela usar; uma só a esgrime o sacerdote, e a segunda, o militar, com o consentimento do pontífice e por ordem do imperador. Mas disso eu tratarei em outro lugar. Empunhe agora a que recebestes para ferir; fira para salvá-los, se não a todos ou a muitos, pelo menos àqueles que tu possas.⁴³

Na época de Llull, o papa Bonifácio VIII voltou ao tema, em sua bula *Unam Sanctam* (1302):

Este poder comporta duas espadas, e todas as duas estão em poder da Igreja: a espada espiritual e a espada temporal. Esta última deve ser usada para a Igreja, enquanto a primeira deve ser usada pela Igreja. O poder espiritual deve ser manuseado pelos sacerdotes; o temporal, por reis e cavaleiros de acordo com o consenso e a vontade dos sacerdotes. Uma espada deve estar subordinada à outra espada, e a autoridade temporal deve ser submissa à autoridade espiritual (...) A verdade atesta: o poder espiritual pode estabelecer o poder terrestre e julgá-lo, se não for bom...⁴⁴

O que Bonifácio VIII afirma é, na pior das hipóteses, “um amontoado de citações de papas anteriores e de grandes teólogos como Bernardo de Clairvaux e Tomás de Aquino”.⁴⁵ Mas e Ramon Llull?

Nosso filósofo endossou, em várias obras, a doutrina papal dos dois gládios. Já em sua *Árvore da Ciência* (65, *Arbor scientiae*, 1295-1296), no livro referente ao papa (*Árvore apostólica*), o filósofo define o poder do pontífice:

⁴⁰ Jo 18, 11.

⁴¹ Jo 18, 11.

⁴² Lc 22, 38.

⁴³ SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo II*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), MCMXCIV, Livro IV, 7, p. 160-163. Este trecho também foi publicado em SOUZA, José Antônio de C. R. de, e BARBOSA, João Morais. *O reino de Deus e o reino dos homens. As relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidori)*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997, p. 91-92.

⁴⁴ Bonifácio VIII, *Unam Sanctam*, Internet, <http://www.fordham.edu/halsall/source/b8-unam.html>

⁴⁵ DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores. História dos Papas*, op. cit., p. 121.

Lo papa convé que haja aquella fe que hac sent Pere, pus que és son vicari (...) per açò fo ordenament de Déu que fo donat al papa l'emperi de Roma, per ço que amb braç seglar fos lo papa forts a contrastar als enemics de la fe.

Convém ao papa que tenha aquela fé que teve São Pedro, já que é seu vigário (...) por isso, foi ordem de Deus que fosse dado ao papa o império de Roma, para que, com o braço secular, o papa fosse forte para se opor aos inimigos da fé.⁴⁶

E em relação aos “sarracenos, tártaros e judeus”, seus “erros” devem ser destruídos:

Amb la sua fe lo papa deu ésser contra les causes qui són contra la fe, per raó de la qual contrarietat se deu esforçar de destruir les errors qui són sembrades en los sarrasins, tartres e juseus, qui són contra la fe crestiana, e encara deu destruir les cismes sembrades en los crestians desviats a la fe crestiana.

Com a sua fé, o papa deve ser contra as causas que são contra a fé, e, por isso, deve se esforçar para destruir os erros que são semeados entre os sarracenos, tártaros e judeus, que são contra a fé cristã. E mais: deve também destruir os cismas semeados entre os cristãos desviados da fé cristã.⁴⁷

A seguir, na mesma obra, Llull afirma que o imperador só pode ter paz no mundo caso esteja a serviço do papa, pois só assim conseguirá “destruir os rebeldes infiéis” sob as ordens do pontífice.⁴⁸ O papa é mais amado por sua caridade do que por queimar hereges; ele é *obrigado* a pregar o Evangelho, e o Império foi dado à Igreja porque o papa é o homem mais honrado do mundo, já que representa Deus na terra.⁴⁹ Assim, ele deve ser o senhor do príncipe para que lhe incuta o pavor, e assim o príncipe “proteja bem a sua vinha” (isto é, o seu reino). Por sua vez, o príncipe deve beijar os pés do papa porque “na lamparina está o óleo sobre a água para que concorde com a chama”.⁵⁰ Nessa simples metáfora tipicamente luliana, o papa é o (santo) óleo e o príncipe a água; por estar acima do príncipe, o papa ilumina o mundo!

Em *O Livro derradeiro* (122, *Liber de fine*, 1305), por sua vez, Llull é ainda mais incisivo. Ele lamenta que tenha muitas vezes procurado os poderes constituídos (o papa, os cardeais e príncipes) para a Cristandade lutar contra os infiéis, que “blasfemam e negam vilmente a Santíssima Trindade e a

⁴⁶ RAMON LLULL. “Arbre de ciència”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 674.

⁴⁷ RAMON LLULL. “Arbre de ciència”, *op. cit.*, p. 675.

⁴⁸ RAMON LLULL. “Arbre de ciència”, *op. cit.*, p. 711.

⁴⁹ RAMON LLULL. “Arbre de ciència”, *op. cit.*, p. 848.

⁵⁰ RAMON LLULL. “Arbre de ciència”, *op. cit.*, p. 855.

Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo, para escárnio da corte celestial, possuindo a Terra Santa”, mas como nada conseguiu, porque “o bem público não tem amigos”, afirma ter decidido escrever esse derradeiro livro para, após a morte, se escusar diante de Deus, de Jesus, do Espírito Santo, da Virgem Maria e de toda a Corte Celestial. O livro, segundo ele, mostra a maneira de “conduzir o mundo ao bom estado e congregá-lo na unidade de um só rebanho católico”, e é enfático: caso desejem isso, muito bem; caso contrário, no Dia do Juízo Final, acusará aqueles que se recusaram a fazê-lo!⁵¹

Mais adiante, o filósofo mescla (como no *Livro da Contemplação*) a pregação e a cruzada, e diz que Cristo fez entender que tínhamos que guerrear com a pregação e com as armas contra os homens infiéis (a respeito da passagem bíblica de Lucas 22, 38 – aquela mesma que embasa a *teoria dos dois gládios*, como vimos anteriormente), e enfatiza: “Não sabeis o que Cristo disse: ‘Quem não está comigo, está contra mim?’”.⁵²

Na *Disputa entre Pedro, o clérigo, e Ramon, o fantástico* (190, *Disputatio Petri clerici et Raimundi phantastici*, 1311), Llull mantém sua verve clara e objetiva:

[117] ...Nam universa catholicorum Ecclesia duos gladios, habet, ut in Evangelio dictum est, scilicet gladium corporalem, ense videlicet, et spiritualem, scilicet scientiam et devotionem. Cum istis autem duobus gladiis sufficeret Ecclesia omnes infideles ad viam reducere veritatis. Primo, si papa sapientes et discretos, mortem sustinere paratos, apud saracenos, turcos et tartaros mitteret, qui infidelibus suos errores ostenderent et sanctae fidei catholicae veritatem aperirent, ut ipsi infideles ad sacrum regenerationis lavacrum venirent; deinde si resisterent, tunc papa contra ipsos procurare deberet gladium saeculare. Licitum et debitum est talem esse ordinationem, et qui in aliquo contra ordinationem est, phantasticus est et culpabilis, atque per consequens inordinatus.

Porque a Igreja universal dos católicos tem duas espadas, tal como diz o Evangelho: a espada corporal, isto é, a propriamente dita, e a espiritual, isto é, o saber e a devoção. Estas duas espadas seriam suficientes para a Igreja conduzir todos os infiéis ao caminho da verdade. Em primeiro lugar, se o papa enviasse homens sábios e discretos, dispostos a morrer, até os sarracenos, turcos e tártaros, para mostrar aos infiéis os seus erros e as verdades da santa fé católica, de maneira que todos os infiéis recebessem o sagrado banho da regeneração. Somente se se recusassem a fazê-lo, o papa deveria enviar a espada secular. É lícito e necessário que haja uma ordenação como essa, e

⁵¹ RAIMUNDO LÚLIO e *As Cruzadas. Liber de Psaggio. Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa. Liber de Acquisitione Terrae Sanctae* (trad. de Waldemiro Altoé, Eliane Ventorim e Ricardo da Costa). Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009, p. 37.

⁵² RAIMUNDO LÚLIO e *As Cruzadas, op. cit.*, p. 41-43.

quem, por algum motivo, está contra esta ordenação, é fantástico e culpado e, conseqüentemente, está fora da ordem.⁵³

Por fim, na obra *O Livro da Cidade do Mundo* (250, *Liber de ciuitate mundi*, 1314), o filósofo coloca na boca da *Justiça divina* a seguinte afirmação:

De quo damnum est quia imperium est propter hoc ut teneat iustitiam et cum gladio defendat romanam Ecclesiam contra infideles et contra schismaticos, etiam contra iniustos christianos et contra infideles qui possident Terram sanctam. Et quis est qui curet de hoc?

Isso causa um dano enorme, porque um império existe para manter a justiça e defender com a espada a Igreja Romana contra os infiéis, os cismáticos e também contra os cristãos injustos e contra os infiéis que possuem a Terra Santa. Mas quem se preocupa com isso?⁵⁴

Ressaltamos que, nesse aspecto do pensamento luliano, isto é, sua estreita relação com a *teoria dos dois gládios*, nós não estamos sendo inovadores. Lola Badia já chamou a atenção para o mesmo fato: Llull só entende o poder político em função da proteção e difusão da fé católica.⁵⁵

VI. Diálogo e Cruzada, disputa e guerra

Ramon Llull, portanto, desde os seus primeiros escritos até o fim de sua vida defendeu ambas as posições, diálogo e cruzada, disputa e guerra. Elas não eram contraditórias para o filósofo. No entanto, talvez devido aos interesses políticos tanto eclesiásticos quanto das casas reais da França e de Aragão no final do século XIII, ele tenha passado a ser um pouco mais enfático nos projetos de Cruzadas em sua *filosofia de conversão*.⁵⁶ Llull endossou o tema provavelmente por saber que a defesa do *bellator rex*, rei cuja função seria unificar os esforços da *Cristandade* em prol da Cruzada e terminar com a divisão do dízimo arrecadado em prol da cruzada e utilizado para outros fins estava em voga em seu contexto. Por exemplo, ele reforçou o seu pedido de união das ordens militares sob um único comandante no poema *Desconsolo*:

⁵³ RAMON LLULL. *Llibre de la disputa del clergue Pere i de Ramon, el fantàstic – Llibre de la ciutat del món* (introd., traducció i notes a cura de Lola Badia). Turnholt/Santa Coloma de Queralt: Obrador Edèndum, 2008, p. 171.

⁵⁴ RAMON LLULL. *Llibre de la disputa del clergue Pere i de Ramon, el fantàstic – Llibre de la ciutat del món, op. cit.*, p. 267.

⁵⁵ BADIA, Lola. “Introducció”. In: RAMON LLULL. *Llibre de la disputa del clergue Pere i de Ramon, el fantàstic – Llibre de la ciutat del món* (introd., traducció i notes a cura de Lola Badia). Turnholt/Santa Coloma de Queralt: Obrador Edèndum, 2008, 78.

⁵⁶ HILLGARTH, J. N. *Ramon Llull i el naixement del lul·lisme*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1998, p. 49.

[...] e del Temple e Espital fos fait um uniment,
e que llur major fos rei del Sant Muniment;
per què a honrar Déus no sai tal tractament.

[...] E que do Templo e do Hospital fosse feita uma união,
e que seu maior fosse rei do Santo Monumento;
pois, para honrar a Deus, não existe mais elevado tratamento.⁵⁷

E reiterou o pedido em um poema posterior, o *Concílio* (1311):

Senyores cardenals, ordenats
que cavaller sia triats,
religiosos, e si los dats
ço del Temple e les potestats
d'altres maisós
de les altres religiós
cavallers bos.

Tal cavaller vaja estar
per tot temps mai en Ultramar,
la dècima li faits donar
per lo Sepulcre a cobrar;
lo gran poder
qui haurà qui lo pot saber?
Vullats-ho fer!

Senhores cardeais, ordenais
que cavaleiros sejam escolhidos,
religiosos, e *lhes sejam dados*
do Templo e os poderes
de outras casas,
de outras religiões
bons cavaleiros.

Tal cavaleiro deve estar
por todos os tempos em Ultramar.
O dízimo lhe façais dar
para o Sepulcro recuperar.
O grande poder
que terá, quem o poderá saber?
Desejais fazê-lo!⁵⁸

⁵⁷ RAMON LLULL. “Lo Desconhort”, *op. cit.*; COSTA, LEMOS, *op. cit.*, estrofe LVI.

⁵⁸ RAMON LLULL. “Del Concili”. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928, p. 106-134.; RAMON LLULL. “Del Concili”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 1328-1344; COSTA, LEMOS, *op. cit.*, versos 162-175. Os grifos são nossos.

Ao longo do século XIII, o termo *Passagem* e as ações direcionadas contra os sarracenos no Oriente deixaram de ser sinônimos. O termo passou a englobar toda a ação militar dirigida pelo papa, sem qualquer condicionamento geográfico. Llull tinha consciência dessa mudança e defendeu o nexó inicial entre as cruzadas e os muçulmanos, mas dirigiu os esforços para a conversão destes, aliando pregação e o uso da força.

A *cruzada luliana* era distinta das demais propostas de então. A guerra, financiada com recursos destinados para esse fim, era um meio para recuperar essa terra que ele acreditava ser cristã por direito ou servia para abrir novos caminhos que permaneceriam inacessíveis de outro modo. Ramon não prescindiu das armas espirituais em nenhum momento. A ação militar apenas faria possível o ensinamento da verdade cristã ao garantir uma audiência cativa para os missionários.⁵⁹ Como Llull narra no *Desconsolo*:

Can pris a consirar del mon son estament,
 com paucs son cristians e molt li desereent,
 adoncs en mon coratge ac tal concebiment:
 que anas a prelats e a reys, exament,
 e a religiosos, per tal ordenament,
 que se'n seguis passatge e tal preicament,
 que ab ferre e fust e ab ver argument
 se donas de nostra fe tan gran exalsament,
 que'ls infeels venguessen a convertiment.

Quando me pus a considerar do mundo o seu estado,
 quão poucos são os cristãos e como muitos Lhe descrêem,
 então, em meu coração tive tal concepção
 que fosse a prelados e a reis, igualmente,
 e a religiosos, com tal ordenamento,
 para que ocorresse a Passagem, e com tal pregação
 que *com ferro e fogo, e verdadeira argumentação*,
 se desse à nossa fé tão grande exaltação
 que os infieis viessem à conversão [...].⁶⁰

VII. Conclusão

Ramon defendeu a cruzada e também o caminho de propagação da fé como os apóstolos, como Cristo e os mártires. Aproximou-se das críticas feitas pelos *espirituais franciscanos* que, além de considerarem o uso da força contrário

⁵⁹ COLOMER I POUS, *El pensament als països catalans durant l'edat mitjana e el renaixement*, op. cit., p. 177.

⁶⁰ RAMON LLULL. “Lo Desconhort”, op. cit.; COSTA, LEMOS, op. cit., estrofe III. Os grifos são nossos.

aos ensinamentos do Evangelho, denunciavam os interesses materiais que moviam a *Passagem*, exigindo a propagação do Cristianismo latino⁶¹, mas nunca deixou a proposta cruzadística de lado.

Para Llull, o papado era o legítimo promotor e defensor dessa idéia. Llull enfatizou o discurso favorável à cruzada também porque era válido na corte papal para abordar o problema das relações entre cristãos e muçulmanos. Ramon enfatizou o lado cruzadístico em seu discurso para esse interlocutor, sem abdicar do seu ideal de missão.⁶²

Até o pontificado de Nicolau IV, Llull não via a necessidade de apresentar um texto diretamente ao papa – suas obras anteriores usavam o rei de Aragão como intermediário. Sua atividade se reduzia a despertar o interesse dos reis e das ordens mendicantes, a cujos capítulos gerais ele assistia com freqüência.

Talvez a inspiração para escrever diretamente para o papa tenha derivado das características desse pontífice. Ramon confiava que seria escutado, pois o papa conhecia bem a situação do Oriente cristão (residia em Acre quando foi eleito) e era franciscano, ordem com a qual Llull tinha muita aproximação intelectual. Contudo, o maiorquino só obteve algum êxito sob o papado de Clemente V, mais precisamente no Concílio de Vienne, no final de sua vida.

Sua proposta não era *pacifista* ou *tolerante*, mas fundamentada exclusivamente na missão. Ramon desejava a conversão da humanidade ao Cristianismo e, para isso, não se eximiu de propor a coação. Ao defender a existência de uma expedição militar que garantisse uma audiência cativa para que os missionários propagassem o Cristianismo latino, Ramon apenas trocou a privação imposta aos muçulmanos: ao invés de serem privados de suas vidas, seria cerceada a sua liberdade até que se convertessem. Mais do que uma *filosofia de ação*,⁶³ sua *filosofia de conversão*⁶⁴ defendia a conversão do mundo ao catolicismo, como ele próprio afirma, “com ferro, fogo e argumentação”.

⁶¹ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”, *op. cit.*, p. 10-11.

⁶² *Ibid.*, p. 10.

⁶³ Tese defendida por Armand LLINARÈS. *Ramon Llull*. Barcelona: Edicions 62, 1987.

⁶⁴ COSTA, Ricardo da. “A *Eternidade* de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232-1316)”, *op. cit.*

Fontes

- COSTA, Ricardo da, LEMOS, Tatyana N. *Poemas de Ramon Llull. Desconsolo (1295) – Canto de Ramon (1300) – O Concílio (1311)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Angelicvm/CEMOOrOC, 2009.
- RAMON LLULL. “Lo Desconhort”. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928, p. 69-105.
- RAMON LLULL. “Del Concili”. In: *Poesies* (text, introducció, notes i glossari de Ramon d'Alòs-Moner). Barcelona: Barcino, 1928, p. 106-134.
- RAMON LLULL. “Arbre de ciència”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 555-1040.
- RAMON LLULL. “Del Concili”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 1328-1344.
- RAMON LLULL. “Lo Desconhort”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 1308-1328.
- RAMON LLULL. “Llibre de contemplació”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. II, p. 97-1258.
- RAMON LLULL. “Vida coetànea”. In: *Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Ed., introd. i notes de Antoni Bonner. Mallorca: Moll, 1989, vol. I, p. 11-50.
- RAMON LLULL. “El desconsuelo”. In: VEGA, Amador. *Ramon Llull y el secreto de la vida*. Barcelona: Siruela, 2002, p. 221-242.
- RAMON LLULL. *Lo Desconhort. Cant de Ramon* (edició a cura de Josep Batalla). Barcelona: Obrador Edèndum, 2004.
- RAMON LLULL. *Llibre de la disputa del clergue Pere i de Ramon, el fantàstic – Llibre de la ciutat del món* (introd., traducció i notes a cura de Lola Badia). Turnholt/Santa Coloma de Queralt: Obrador Edèndum, 2008.
- RAIMUNDO LÚLIO e *As Cruzadas. Liber de Pssagio. Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa. Liber de Acquisitione Terrae Sanctae* (trad. de Waldemiro Altoé, Eliane Ventorim e Ricardo da Costa). Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009.
- SAN BERNARDO DE CLARAVAL. *Obras completas de San Bernardo II*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), MCMXCIV.

Bibliografia

- BADIA, Lola. “Introducció”. In: RAMON LLULL. *Llibre de la disputa del clergue Pere i de Ramon, el fantàstic – Llibre de la ciutat del món* (introd., traducció i notes a cura de Lola Badia). Turnholt/Santa Coloma de Queralt: Obrador Edèndum, 2008, p. 13-89.
- BONNER, Anthony. Ambient històric i vida de Ramon Llull. In: *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Maiorca: Moll, 1989, vol. I.
- CANTERA MONTENEGRO. *Las Ordenes religiosas en la Iglesia medieval siglos XIII a XV*. Madrid: Arco/Libros, 1998.
- CARRERAS Y ARTAU, Tomás e Joaquín. *Historia de la Filosofía Española: filosofía cristiana del siglo XIII al XV*. Barcelona: Facsímil/Institut d'Estudis Catalans: Diputació de Girona, 2001, vol. I.
- COLOMER, Eusebi. La actitud compleja y ambivalente de Ramon Llull ante el judaísmo y el islamismo. In: DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando y DE SALAS, Jaime (edits.). *Actas del pensamiento luliano. Actas del simposio sobre Ramon Llull en Trujillo*, 17-20 de septiembre 1994. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996, p. 77-90.
- COLOMER I POUS. *El pensament als països catalans durant l'edat mitjana e el renaixement*. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1997.

- COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998.
- COSTA, Ricardo da. A experiência religiosa e mística de Ramon Llull: a *infinidade* e a *eternidade* divinas no *Livro da contemplação* (c. 1274). In: *Scintilla. Revista de Filosofia e Mística Medieval*. Curitiba: Faculdade de Filosofia de São Boaventura (FFSB), vol. 3, n. 1, janeiro/junho 2006, p. 107-133.
- COSTA, Ricardo da. A *meditatio mortis* no *Livro do Homem* (1300) de Ramon Llull. In: *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Série de Filosofia*, II Série, volume XXIII/XXIV, Porto, 2006/2007, p. 237-260.
- COSTA, Ricardo da. “Então os cruzados começaram a profanar em nome do *pendurado*’. *Maio sangrento*: os *pogroms* perpetrados em 1096 pelo conde Emich II von Leiningen (†. 1138) contra os judeus renanos, segundo as *Crônicas Hebraicas* e cristãs”. In: LAUAND, Jean (org.). *Filosofia e Educação – Estudos 8. Edição Especial VIII Seminário Internacional CEMOrOc: Filosofia e Educação*. São Paulo: Editora SEMOrOc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP) Factash Editora, 2008, p. 35-62, *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/emich.htm>
- COSTA, Ricardo da. “A Eternidade de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232-1316)”. Conferência proferida na Semana Acadêmica *Tempo e Eternidade na Idade Média*, evento organizado pelo *Instituto Sapientia de Filosofia* (Seminário Bom Pastor, Francisco Beltrão, PR) no dia 13 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/A%20eternidade%20de%20Deus.pdf>>.
- DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “Ramón Llull y la cruzada. Consideraciones preliminares a un tema controvertido”. In: *Liber de sancta Maria in Monte Pessulano anno MCCXC. Corpus christianorum. Continuatio Mediaevalia CLXXXII*. Turnhout: Brepols Publishers, 2003.
- DUFFY, Eamon. *Santos & Pecadores. História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naif, 1998.
- FERNANDEZ, Emilio Mitre. *Historia del Cristianismo*. El mundo Medieval. Madrid: Trota, 2004.
- FIERRO, Maribel. Apunts sobre La raó, llenguatge i conversió en el segle XIII a La Península Ibérica. In: ROQUE, Maria-Àngels (org.) *Ramon Llull i l'islam*. L'inici del diàleg. Barcelona: La Magrama, 2008, p. 79-96.
- GAYÀ, Jordi. Introducció. In: RAMON LLULL. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa* (introd. de Jordi Gayà; trad. de Pere Llabrés). Barcelona: Clàssics del Cristianisme 91. Facultat de Teologia de Catalunya/Fundació Enciclopèdia Catalana, 2002, p. 7-65.
- HILLGARTH, J. N. *Ramon Llull i el naixement del lul·lisme* (a cura d'Albert Soler). Barcelona: Abadia de Montserrat, 1998.
- LEHMANN, Johannes. *Las cruzadas. Los aventureros de Dios*. Barcelona: Martinez Roca, 1989.
- PARDO PASTOR, Jordi. Las auctoritates bíblicas en Ramon Llull: etapa 1304-1311. In: *Revista Española de Filosofía Medieval*, 11, 2005, p. 167-180.
- PRING-MILL, R. *EI microcosmos lul·lià*. Palma de Mallorca: Moll, 1962.
- RUBIÓ, Jordi. “L'expressió literària en Pobra lul·liana”. In: *Obres Essencials* (OE). Barcelona: Selecta, 1957, vol. I, p. 85-110.
- SOUZA, José Antônio de C. R. de, e BARBOSA, João Morais. *O reino de Deus e o reino dos homens. As relações entre os poderes espiritual e temporal na Baixa Idade Média (da Reforma Gregoriana a João Quidort)*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997.
- TYERMAN, Christopher. *Las Guerras de Dios: Una nueva historia de las Cruzadas*. Barcelona: Crítica, 2007.

BLASCO VALLÈS, Almudena, e COSTA, Ricardo da (coord.). *Mirabilia 10*

A Idade Média e as Cruzadas

La Edad Media y las Cruzadas – The Middle Ages and the Crusades

Jan-Jun 2010/ISSN 1676-5818

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1994, vol. II.